

**Espetacularização da Carreira Docente:
Prêmio Professores do Brasil como prática da economia da
educação¹**

**Maurício dos Santos Ferreira²
Marisa Vorraber Costa³**

Resumo:

Apresentação de um estudo sobre reconhecimento social docente, cujo objetivo foi analisar e colocar sob escrutínio o Prêmio Professores do Brasil, organizado pelo Ministério da Educação e seus parceiros. A partir da análise das 7ª e 8ª edições do certame (2013 e 2014), defende-se que se trata de uma experiência profissional que enfatiza a espetacularização da carreira docente. Ferramentas como governamentalidade e práticas de si, desenvolvidas por Foucault, possibilitaram perceber que o Prêmio engendra o que denominamos subjetividade docente superlativa. Nesse processo, o fazer docente restringe-se aos princípios da economia da educação.

Palavras-chave: *Prêmio Professores do Brasil; trabalho docente; reconhecimento social docente.*

**Spectacularization of the Teaching Profession: Teachers of Brazil Award
as a practice in the economics of education**

Abstract:

This article presents a study on social recognition of teachers, seeking to analyze and closely examine the Teachers of Brazil Award, organized by the Ministry of Education and its partners. This proposal is supported by an analysis of the 7th and 8th editions of the competition in 2013 and 2014, respectively. It is based on the premise that the award guides a professional experience that emphasizes spectacularization of the teaching profession. Analytical tools, such as governmentality and practices of the self, developed by Foucault, make it possible to

-
- 1 Uma versão preliminar e bastante resumida deste texto foi apresentada em um evento. Suprimiu-se o título do evento na etapa de avaliação do artigo em cumprimento à exigência de anonimato.
 - 2 Doutor e Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) na linha de pesquisa Estudos Culturais. Graduado em Pedagogia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). É Professor Assistente na UNISINOS desde 2013.
 - 3 Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), com estágios de pós-doutorado em universidades de Portugal, Espanha e Alemanha. Atua no Programas de pós-graduação em Educação da UFRGS.

Textura	Canoas	v. 20 n. 43	p.79-97	maio/ago 2018
---------	--------	-------------	---------	---------------

understand that the award engenders what we refer to as superlative teaching subjectivity. In this process, being a teacher is restricted to the education economy principles.

Keywords: Teachers of Brazil Award; teaching practices; social teaching practices recognition

Introdução

A pesquisa sobre reconhecimento social docente⁴ que deu origem ao presente artigo teve como objetivo analisar e colocar sob escrutínio o *Prêmio Professores do Brasil* (PPB), organizado e promovido pelo Ministério da Educação e organizações parceiras. O contexto no qual emergem essa e outras práticas de valorização docente leva-nos a considerar que poucas vezes se esperou tanto dos professores quanto agora. Isso porque também nunca se exigiu tanto dos sujeitos. Com as mudanças na ordem cultural, social e econômica, fortemente potencializadas a partir da segunda metade do século XX, novos modos de regulação da população passaram a organizar a vida em sociedade e a requerer outro tipo de cidadão. Impulsionados pela racionalidade neoliberal, indivíduos e máquinas são organizados frente a frente – não para o embate, mas para a conexão – de modo a garantir e expandir, “ilimitadamente”, os ganhos de capital. Ao avançar na esteira dessa movimentação, abandona-se, em parte, o esquadramento dos períodos e dos lugares para enfatizar os deslocamentos. Nessas dispersões do próprio sujeito, a rede mundial de computadores tem servido de suporte à aceleração da emergência de novas formas de vida (SIBILIA, 2008).

Diante dessas reconfigurações, nossa argumentação acerca da singularidade das exigências atuais vai ao encontro da afirmação de Zygmunt Bauman (2007, p. 5) de que “nenhum período da história humana tem posto os educadores frente a desafios tão decisivos como os dos nossos dias”. Continua sendo deles a tarefa de introduzir, de forma sistematizada e obrigatória, as novas gerações nos sistemas de saber considerados verdadeiros, apesar de toda fragmentação que possa caracterizar tais agenciamentos. Eis os desafios contemporâneos; eis os desafios à docência.

⁴ Aqui deverá ser inserida a referência bibliográfica da pesquisa. Suprimiu-se esse dado na etapa de avaliação do artigo em cumprimento à exigência de anonimato.

Esboça-se, nesse panorama, a tendência para reconfigurar a docência e a posição social ocupada pelo Trabalho Docente – TD⁵. Em artigo que nos introduz às discussões sobre performatividade na educação e na política social, Stephen Ball (2010) entende a performance em termos de produtividade dos professores e das instituições de ensino, levando-o a empregar o termo *economia da educação*. Segundo ele, aí estão entrelaçados interesses materiais e pessoais na “[...] competição por recursos, segurança e estima e na intensificação do trabalho profissional público” (BALL, 2010, p. 41). Assumimos aqui o termo *economia da educação* como a situação geral que orienta e aciona movimentos neoliberais no campo da Educação contemporânea. Nesse quadro de problematizações, voltamo-nos às formas como os docentes têm sido reconhecidos pelo trabalho que realizam na medida em que se vinculam e contribuem com o projeto neoliberal de sociedade. A vertente pós-estruturalista dos Estudos Culturais em Educação, aliada aos estudos foucaultianos, forneceu-nos a perspectiva que consideramos produtiva para analisar duas edições do PPB – a 7^a, realizada em 2013, e a 8^a, em 2014. Ferramentas analíticas como *governamentalidade* e *práticas de si* compuseram o referencial teórico-metodológico que inspirou os procedimentos investigativos do recorte analítico apresentado neste artigo.

Operar com a governamentalidade é combinar as formas de governo cujo objetivo é conduzir as condutas (FOUCAULT, 2006). Comenta Michel Senellart (2006) que essa noção havia sido definida, inicialmente, por Michel Foucault, como as relações e técnicas que formularam o Estado moderno. Porém, o conceito amplia-se de tal modo que passa a ser o seu ponto de partida para a análise geral das relações de poder. A formulação inicial desse conceito alarga-se substancialmente quando, no curso de 1981-82 (*A Hermeneutica do sujeito*), o filósofo afirma que a reflexão sobre a governamentalidade “[...] não pode deixar de passar, teórica e praticamente, pelo âmbito de um sujeito que seria definido pela relação de si para consigo.” (FOUCAULT, 2010a, p. 225).

A partir dessa nova inflexão conceitual, o estudo do PPB apresenta-se adequado à abordagem da governamentalidade tanto em seus rastros políticos (condução de sujeitos coletivos e individuais) quanto éticos (regimes de subjetivação). As especificidades do Prêmio apontam para esse amálgama do

⁵ Registramos *Trabalho Docente* com iniciais maiúsculas para marcá-lo como campo de investigações e não, somente, como atividade laboral realizada pelos professores.

poder por tratar-se de uma ação do Estado; de uma máquina social⁶ que age sobre a população de professores; de investimentos nas microrrelações do cotidiano escolar; de táticas articuladas que capturam o público-alvo por meio de tecnologias digitais que agem à distância; de abordagens que sugerem investimentos em *práticas de si*; e, por fim, de operações sobre o reconhecimento social, cuja historicidade assenta-se em complexas relações de saber-poder-verdade. Se a governamentalidade é “[...] o fio condutor que explica o vaivém entre as experiências pessoais e os saberes que se vão sedimentando em torno dos indivíduos” (RAMOS DO Ó, 2003, p. 37), couber-nos seguir esses movimentos e localizar, em termos espaciais, o PPB nesse *vaivém* a que se refere o autor.

A cada edição são mobilizados experiências pedagógicas, histórias pessoais dos professores, saberes docentes, formas de visibilidade, que fazem desse concurso uma potente *máquina de reconhecimento social* que, a partir da racionalidade que a anima, age sobre o TD e as subjetividades dos professores. Assim, ao referirmo-nos à subjetividade e à subjetivação, na perspectiva teórica em que nos encontramos, é incontornável buscar em Foucault elementos que tornem esses processos problemáticos do ponto de vista da pesquisa. Percorrer o domínio foucaultiano do ser-consigo possibilitou-nos a construção de nexos entre a economia da educação, o Prêmio, a cultura de si e a noção de Tecnologias do Eu (FOUCAULT, 1990, 2007a, 2010a).

Diante do estudo do filósofo francês, percebemos que essa “genealogia da subjectivação” (RAMOS DO Ó, 2003), que contempla a cultura e a prática de si, ajuda-nos a deslocar a verdade assentada sobre a interioridade do indivíduo. Em nossas sociedades ocidentais, a busca pelo eu e suas forças é compreendida como grande ato do sujeito livre, marca que ganha relevo nas relações contemporâneas. Desnaturalizar tais processos e mostrar as racionalidades envolvidas, possível contribuição deste estudo, abre-se à possibilidade de pensarmos em movimentos sobre nós mesmos que produzam subjetividades divergentes. Nas palavras de Foucault (2010a), trata-se de uma prática de autossujetivação na qual rompemos não conosco mesmos, mas

⁶ “As instituições públicas, a mídia, o Estado de bem-estar social etc. devem ser considerados – sem metáfora – máquinas, pois eles agenciam (maquinam) multiplicidades (pessoas, procedimentos, semióticas, técnicas, regras etc.)” (LAZZARATO, 2014, p. 73). Assim, as máquinas são mais insidiosas do que suas funcionalidades anunciadas.

com os outros e seus discursos. Esse movimento específico de liberar-se parece convergir, no contexto do PPB, com a sugestão de Maurizio Lazzarato (2014, p. 125) de que,

[...] o espaço público está saturado com a circulação de signos, imagens e palavras e com a proliferação de dispositivos de sujeição que, ao encorajar e solicitar que falem e se expressem, impedem a enunciação singular e neutralizam processos heterogêneos de subjetivação. Pois, para que uma enunciação, uma fala singular seja possível, a comunicação compartilhada deve ser interrompida, deve-se deixar a infinita tagarelice do consenso midiático, forçar rupturas no espaço público do mesmo modo como, para poder “ver”, devemos nos retirar do incessante bombardeio de clichês visuais.

Na contramão dessa possível ruptura, tornar-se o “Professor do Brasil” é seguir os discursos, rituais e protocolos dessa “tagarelice midiática”. Porém, não temos espaço, aqui, para desenvolver os diversos desdobramentos e as implicações dessas práticas, mapeados no estudo já mencionado. Faremos alguns recortes que permitam perceber que nesta prática de reconhecimento social o indivíduo mobiliza um conjunto de “ocupações” com sua alma, com os demais e com questões sociais e políticas. Alerta-nos Foucault (2007a, p. 57) para um ponto importante dessa consagração a si mesmo: “[...] ela não constitui um exercício de solidão, mas sim uma verdadeira prática social”.

Ao eleger as ferramentas conceituais e as edições do PPB a serem analisadas, chegamos a 80 docentes premiados, assim distribuídos: 40 são de 2013, 39 de 2014 e mais um, o professor Bruno Lima, que apesar de ter sido vencedor no 6º PPB, em 2012, foi homenageado em 2013 por ter vencido na categoria *Juri Popular* e ter sua imagem veiculada junto aos demais participantes da 7ª edição. Por meio de descritores específicos, procedeu-se a uma ampla busca na internet, que resultou em um farto repertório de textos e produtos audiovisuais sobre o Prêmio, originados dentro e fora do âmbito do MEC. Documentos oficiais do concurso, reportagens nos sítios de prefeituras, agências jornalísticas e páginas do *Facebook* dos participantes são alguns exemplos. Com esse material em mãos, optamos por focar nossa análise nos aspectos da estrutura e nas condições de realização do Prêmio e não nas questões epistemológicas das experiências docentes ou nos encaminhamentos pedagógicos.

A forma como o Prêmio difunde-se pela rede mundial de computadores levou-nos a definir o que chamamos de *protocolo operacional*. Uma tecnologia responsável tanto pela visibilidade dos professores premiados quanto por atingir, com suas propostas, os demais sujeitos que de alguma forma acompanham o concurso. Esse procedimento de atuação na internet é composto pela tríade *experiência pedagógica-premiação-espetacularização*. A articulação dos três componentes entre si, e não somente o segundo, é que tem gerado efeitos sobre o trabalho docente na contemporaneidade, conforme explanamos a seguir.

A *experiência pedagógica* do professor quando submetida à candidatura do PPB já não é mais a mesma. Transforma-se em outra coisa. Assume um viés peculiar, pois é refletida e narrada sob certos critérios. Passa a seguir uma gramática do poder instituído que lhe condiciona não somente a escrita, mas, sobretudo, a forma de equacionar e valorar o ocorrido. Márcio Fonseca e Salma Muchail (2010, p. XIV) observaram processo semelhante quando traduziram para o Português o curso de Foucault *A Hermenêutica do Sujeito*. Viram as “aulas tornadas livro” imprimirem um novo caráter ao trabalho. Segundo os tradutores, a “função-professor é transformada em função-autor. O resultado é, verdadeiramente, um composto de *dito e escrito*”. De forma análoga, o projeto enviado ao MEC é um produto já transformado aos moldes institucionais do Prêmio, mas para isso ter funcionado o professor já deu início a um novo processo de subjetivação. Mais que um rompimento com a forma anterior, parece-nos que ocorre uma estetização da prática docente.

A *premiação* – segundo elemento – imprimirá nova etapa a esse processo iniciado ainda na escola. De docente-candidato, o indivíduo passa a “Professor do Brasil”. Assim como ocorreu com outros vencedores, a professora Rutemara Florêncio (BRASIL, 2014a), premiada em 2014, incorporou à sua experiência pedagógica a concepção de premiação. Além de organizar uma mostra de cinema na escola – e exibir, tal como em anos anteriores, os vídeos produzidos pelos alunos sobre a Primeira República do Brasil – a professora opta por instaurar na última edição um concurso que destacaria os três melhores trabalhos. Agrega, assim, à sua forma de trabalho o que podemos chamar de *tessitura competitiva*. Aproveita-se dessa oportunidade para fazer funcionar a lógica da performatividade por meio da premiação. Já seria insuficiente manter-se na ordem do que poderíamos considerar, de forma estrita, como trabalho pedagógico. Avança na ordem da competição. É como dissesse à escola, à comunidade e ao MEC: – vejam, conheço o jogo e domino suas regras. A professora inclina-se, assim, diante

da lógica (FOUCAULT, 2010b). Age sobre si em ato de autoconvencimento e estabelece, internamente, relações (sempre) tensas com o discurso que necessita ser processado por aparatos de subjetivação.

A *espetacularização* – terceiro termo da equação proposta – diz respeito à tendência de que o discurso verdadeiro da docência não se restringe somente à ação do professor em sala de aula, àquilo que deu certo ou errado, e ao posterior compartilhamento dos seus resultados entre pares e comunidade escolar. Existe algo como que uma expansão do *campo de atuação* no qual a verdade se constitui. Aquilo que se elabora em processos de ensino e de aprendizagem com os alunos tende à necessidade de ser reconhecido por outras instâncias e o *Prêmio Professores do Brasil* figura como local possível. Não só a premiação em si – os valores recebidos e as congratulações –, mas, também, a visibilidade espetacularizada, oriunda da premiação. A satisfação de ver-se nessa posição é expressa, por exemplo, pela professora vencedora Maria Áurea Alves Rocha:

[O PPB] [...] é um momento privilegiado para os professores. Acho que não poderia ter reconhecimento melhor que esse. (BRASIL, 2014c)⁷.

Ao confirmar o concurso do MEC como prática legítima de reconhecimento social da sua profissão, a docente marca-o como algo desejado. Se ele é o melhor que poderia ocorrer nesse sentido, sem o título de “Professor do Brasil”, e toda a projeção que lhe é oriunda, algo faltaria à carreira. Cabe, aqui, a observação de Ricardo Mayer (2008, p. 44) de que “[...] as demandas por reconhecimento são modeladas, configuradas e mediadas institucionalmente”. É no envolvimento institucional com o MEC que o sujeito sente-se reconhecido, que se percebe privilegiado e torna-se um docente diferente do que era antes da premiação. A cobertura midiática dada aos vencedores inaugura em suas vidas um campo de atuação profissional até então, para muitos, inexplorado.

Nessa linha de novas experiências, o vídeo de cobertura da 8ª edição (BRASIL, 2014c)⁸ mostra-nos o embarque dos professores nos aeroportos de suas cidades, a visita aos pontos turísticos da cidade de São Paulo/SP e ao

⁷ Registramos os excertos do material de análise em itálico tamanho 10 para destacá-los dos parágrafos do texto e citações diretas longas.

⁸ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=NknZfF0WH5M>>.

Centro Educacional Unificado (CEU)⁹. Ao longo dessas atividades, os professores concedem rápidas entrevistas a respeito da condição de vencedores e falam de suas expectativas sobre o evento. As exitosas experiências são relatadas em plenária diante dos colegas e das câmeras da *TV Escola*, que tudo registram. À noite, durante o coquetel de recepção que lhes é oferecido, mais depoimentos são colhidos. No dia seguinte, sob o comando dos mestres de cerimônia, a entrega dos troféus, do cheque simbólico e o anúncio dos vencedores por categorias¹⁰ são apresentados tal como em um acontecimento midiático. Holofotes, música, trajes alinhados, transmissão ao vivo, autoridades, representantes das organizações parceiras e *show* com artista nacionalmente reconhecido compõem o cenário.

Ao encaminhar-nos para o final desta parte, cabe um registro a título de esclarecimento e justificativa das escolhas teóricas. A afirmação de Foucault (2005) em *Vigiar e Punir* de que nossas sociedades não são do espetáculo e sim das disciplinas referia-se a uma leitura dos dispositivos de poder sob e a partir dos quais a Modernidade emergiu. Entretanto, ao longo dos estudos do filósofo, principalmente, em *Segurança, Território, População* (2006) e *Nascimento da Biopolítica* (2007c), contemplamos análises que apontam mudanças de uma sociedade disciplinar para uma sociedade de seguridade. Suas características aproximam-na, segundo Lazzarato (2006) da sugestão deleuziana sobre a sociedade de controle. Tal cenário é propício à circulação de imagens e à constituição de públicos capturados por ferramentas digitais que incitam exibições do *eu*. É nesse contexto que nos parecem

⁹ Trata-se do projeto da cidade de São Paulo/SP que integra, em um único espaço, Centro de Educação Infantil, Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental, teatro, biblioteca pública e espaços de lazer e esportes. Disponível em: < <http://portal.sme.prefeitura.sp.gov.br/Main/Page/PortalSMESP/CEUs--Enderecos>>.

¹⁰ São duas as categorias premiadas: temas livres, que contemplam experiências nas etapas da Educação Básica; e temas específico, trabalhos nas áreas da educação integral, ciência e alfabetização nos anos iniciais do Ensino Fundamental e educação digital. São pagos R\$ 6.000,00 para cada professo premiado. Aos destaques em cada categoria é entregue o adicional de R\$ 5.000,00 (BRASIL, 2013b; 2014b).

produtivas as análises foucaultianas em um estudo sobre a espetacularização da carreira docente¹¹.

Porém, àqueles que ainda não reconhecem a potência dos prêmios, as carreiras persistem vinculadas, exclusivamente, ao trabalho pedagógico na escola. Entretanto, às novas celebridades docentes será exigido o domínio de um conjunto de competências adicionais. Poder comunicar o que fez de suas aulas e de si para melhor educar; ver a sua experiência circulada na TV, em revistas e na internet; ser interpelado por jornalistas e especialistas; configuram o resultado das etapas do protocolo de operação que pretendemos mostrar. A cerimônia de premiação é só o início do espetáculo. Vejamos, portanto, como essa analítica que acabamos de expor possibilitou-nos visibilizar o processo de espetacularização das subjetividades docentes.

O Prêmio e as subjetividades docentes alterdirigidas

Inspirada nas quase proféticas descrições de Guy Debord (1997) sobre a emergência de uma sociedade do espetáculo, Sibilia (2008, p. 27) considera que essa parafernália das Novas Tecnologias da Informação e Comunicação – NTIC, apoiadas sobre a internet, tem alterado, profundamente, os modos de ser e estar no mundo. Em uma espécie de simbiose entre a exibição da intimidade e a espetacularização da personalidade, os homens e mulheres contemporâneos são conduzidos – e conduzem a si mesmos – de formas diferentes daquelas nas quais a sociedade disciplinar iniciada entre os séculos XVI – XVII e consolidada no século XVIII forjou, em moldes muito detalhados, o sujeito moderno. Aponta-nos a autora que,

A rede mundial de computadores se tornou um grande laboratório, um terreno propício para experimentar e criar novas subjetividades. [...] Não há dúvidas de que esses reluzentes espaços da Web 2.0 são interessantes, nem que seja porque se apresentam como cenários bem adequados para montar um espetáculo cada vez mais estridente: o show do *eu* (SIBILIA, 2008, p. 27, destaque da autora).

¹¹ Para maior esclarecimento sobre as tensões entre Foucault (sociedade disciplinar) e Debord (sociedade do espetáculo) e possíveis aproximações de seus pensamentos via a noção da biopolítica, ver Leon Farhi Neto (2007).

Tudo passa como se estivesse ocorrendo uma inversão do que aprendemos na Modernidade a respeito do “si mesmo”. A interioridade como a compreendemos, nascida do trabalho constante, longo e reservado, exterioriza-se publicamente, deixando para traz a acalentada profundidade do sujeito. Ao acompanhar a rapidez das novas Tecnologias Digitais, parte significativa da população exhibe-se em *blogs, Youtube, Facebook, Instagram, Twitter, WhatsApp*, com uma voraz necessidade de ser seguido e seguir os passos e a vida daqueles que parecem transbordar a sua intimidade e personalidade nessas redes sociais contemporâneas. Uma analogia – talvez um pouco grosseira, mas muito ilustrativa – com a própria área da Informática: seria como se transferíssemos os arquivos, fotos e lembranças guardadas em nossas dobras internas para um *HD* externo e público.

Aqui, para pensarmos sobre esse *eu* espetacularizado, é conveniente lembrar que a preocupação com a sujeição é algo que vai ser tematizado pela Igreja e reforçado pelos pensadores modernos. *Sujeito*, segundo Foucault (2010c) é uma posição que se ocupa no interior dos dispositivos de poder. Tais maquinarias conduzem os indivíduos de forma mais ou menos homogênea com pesadas exigências de ordem moral focadas em um modelo com pretensões universais de ser único, centrado e racional. Em outras palavras, o sujeito é sempre sujeito de algum dispositivo. A partir do século XIX, vemos o indivíduo ser transformado, pouco a pouco, entre outros, pelo discurso psicológico, em *Homo psychologicus*¹², cuja interioridade é aglutinada em um *eu* que possui uma misteriosa e abissal interioridade.

Sibilia (2008) comenta que para o pesquisador Hans Gumbrecht, o sujeito moderno dos séculos XVI e XVII era um sujeito racional e espiritual, que acreditava acessar o mundo externo de forma independente como se fosse um “observador de primeiro grau”. Já o sujeito moderno do século XVIII em diante está corporificado e observa-se no ato da observação, ou seja, é um “observador de segundo grau” que examina as formas e os efeitos de sua própria observação da realidade. Mas, por diversos motivos, vê a relação do seu *eu* com o exterior difusa e difícil de precisar. É necessário, a esses homens e mulheres, a auto-reflexão e demais exercícios para compreender a sua individualidade, as suas idiossincrasias contingentes. Não uma verdade divina ou uma verdade universal, mas aquela que o tornaria único.

¹² A esse respeito ver Ramos do Ó (2003).

Todo esse movimento de contestação do *eu observador de primeira ordem* para a invenção do *eu observador de segunda ordem* parece-nos ser uma importante operação que ilustra a proposição de Bauman (2001) de que se a Modernidade derreteu os sólidos, transformando-os em fluidos, foi para solidificá-los em uma forma mais precisa, racional, administrável, ordenada e que durasse para sempre. Coerente com o que foi dito, Sibilia (2008, p. 103) conclui que “assim, a partir da matéria caótica e fragmentária que constitui toda e qualquer vida, nos relatos de si era preciso construir uma narrativa vital coerente e um *eu* igualmente coeso” [destaque da autora]. Mais do que o abandono de uma subjetividade luminosa e espiritual, constituída nos séculos XVI e XVII, e a consolidação de uma subjetividade fragmentária, forjada a partir do século XVIII, diríamos que vemos, ao longo do século XIX, uma “fusão” desses dois regimes de subjetivação que chegam para nós como um único processo de produção do sujeito moderno. Nesse contexto não teríamos, provavelmente, um relato público como o que segue:

Eu exerço o magistério há vinte e quatro anos [...] e a maior parte do tempo eu tive um sentimento de realização no meu trabalho. Mas, nos últimos anos, eu enfrentei um profundo sentimento de tristeza e de desânimo frente às dificuldades que eu vivi em sala de aula. Eu percebi que eu precisava me reinventar como educadora e fiz um investimento na minha formação. [Gina Vieira Ponte de Albuquerque – TEDx Universidade de Brasília/Vídeo] (ALBUQUERQUE, 2015).

Sem dúvidas, homens e mulheres, trabalhadores e trabalhadoras modernos não se permitiriam ter seus sentimentos e dramas profissionais expostos dessa forma. Seria ultrajante, mesmo tratando-se de uma parcela da vida pública – o trabalho remunerado. Nessa forma de apresentar as situações, o público e o privado confundem-se um com o outro, o que caracteriza mais um aspecto que desestimularia os sujeitos modernos. Mas o relato está aí, disponível na internet, depois de já ter sido apresentado a um comitê do MEC e a um público formado por profissionais e universitários. Isso é possível porque outros dispositivos de subjetividade nos envolvem, nos incitam à espetacularização. As fronteiras erguidas entre o privado e o público, hoje, esfacelam-se diante das condições *líquido-modernas* (BAUMAN, 2001). Sibilia (2008, p. 109) aponta que em nosso século “o *Homo privatus* se dissolve ao projetar sua intimidade na visibilidade das telas, e as subjetividades introdirigidas se extinguem para ceder a passagem às novas configurações alterdirigidas” [destaques da autora]. Sua referência ao

alterdirigidas é muito provocativa para problematizarmos o *eu* espetacularizado.

Nesse universo povoado por *webcams*, redes sociais e *YouTube* não é o *eu* da interioridade moderna que deve ser dirigido pelo sujeito por meio de práticas de si (introduzidas). Emerge um novo *eu*, que aparece nas telas por meio de usuários, perfis em redes, imagens e textos amplamente divulgados; esse eu será o alvo dos exercícios de ascese contemporâneos. Ele já não está, a rigor, na interioridade do sujeito, mas na exterioridade de sua imagem projetada por sons, *pixels* e caracteres. Como registra Sibilía (2008) em outra passagem, os processos de subjetivação ocorrem na *epiderme da experiência* ou, como na metáfora que propusemos em páginas anteriores, sucedem sobre o *eu* localizado no *HD* externo. Diante dessa torção do sujeito moderno, importa-nos perceber que a experiência de reconhecimento oportunizada pelo *Prêmio Professores do Brasil* opera em duas dimensões: a primeira, lida com as repercussões sobre as subjetividades introduzidas dos docentes que recebem a premiação e seguem seus trabalhos cotidianamente nas escolas, envolvendo-se com antigas e novas demandas; a segunda, trata das ressonâncias sobre as subjetividades *alterdirigidas*, vinculadas às mídias contemporâneas.

No excerto anterior, encontramos a professora Gina (ALBUQUERQUE, 2015) expondo seu premiado projeto pedagógico diante de uma plateia ávida por experiências de vida, resumidas em rápidas palavras no modelo *TEDx*¹³. Durante a apresentação¹⁴, destaca como motivadores para a mudança seus profundos sentimentos de tristeza e desânimo. Comenta que apesar dos vinte e quatro anos de magistério, percebeu que era hora de “reinventar-se”. Observamos que sua fala se aproxima dos formatados discursos de autoajuda da busca pela felicidade, da transformação e do sucesso, recorrentes nos dias atuais tanto em círculos literários mais populares quanto acadêmicos, empresariais e educacionais. Dora Márin-Díaz (2015, p. 56) analisa que,

¹³ Fundada há 25 anos, TED (Technology, Entertainment, Design) é uma instituição californiana que se dedica a divulgar ideias que considere inspiradoras. Em suas conferências, os palestrantes convidados expõem suas experiências em 18min. A fim de tornar mais potente sua iniciativa, essa organização criou o TEDx: “[...] um programa de eventos locais, e organizados de forma independente, que reúne pessoas para dividir uma experiência ao estilo TED”. Disponível em: <<http://tedxportoalegre.com.br/2010/ted-tedx/>>. Acesso em: 04 de ago. de 2017.

¹⁴ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=TsJKYbpSiCY>>.

transformados em *télos* (finalidades) da sociedade contemporânea, esses são discursos que levam o sujeito a ocupar-se de si mesmo e “[...] para se conseguir sucesso e felicidade, é necessário transformar-se, não se pode ser mais o mesmo”. Ao colocar-se nesse registro de performatividade que conjuga a instantaneidade da fala com as práticas de si contemporâneas, parece-nos que há um acento dramático nas considerações da docente premiada.

Acerca dessa condição, destacamos que para Ball (2010, p. 49), em formulários de emprego ou em redações para obter promoções, “nós nos tornamos modelos perfeitos com múltiplas forças e possibilidades infinitas para trabalhos futuros, proficientes na arte estudada do convincente exagero”. Não estariam os docentes premiados aproximando-se, por meio da exposição pública, desse exagero narrativo das forças e potencialidades? Lazzarato (2014), ao fazer apontamentos a respeito do estudo de Marie-Anne Dujarier sobre “serviços de massa”, como clínicas geriátricas e cadeias de restaurante, destaca que nessas situações em que o trabalho é relacional, os atos de *falar* e *trabalhar* confundem-se. Sob o título de processos, esses atos tornam-se automatizados e acompanham e definem a organização do trabalho.

Conforme os processos de gestão intensificam-se, mais esses processos agem, em sincronia com os discursos, sobre as ações e afetos dos indivíduos. Ao compreendermos o *Prêmio Professores do Brasil* como uma máquina social, precisamos considerar que estão articulados sob sua organização e na extensão de sua divulgação, inúmeros procedimentos, rituais, protocolos que não são redutíveis à esfera linguística. Assim, “as palavras e proposições são o ‘input’ e o ‘output’ da ‘servidão maquínica’ específica das relações de serviço” (LAZZARATO, 2014, p. 101). A noção de “servidão”, adotada por Deleuze e Guattari e apropriada por Lazzarato (2014), tem duas acepções: a primeira refere-se à ideia de transformar os indivíduos em servos, escravos; a segunda, que nos parece mais produtiva, diz respeito ao termo técnico da Engenharia de Automação e Controle que designa sistemas e controles automáticos, instalados em máquinas e equipamentos, também conhecidos no Brasil como controle tipo servo ou servo controle (ONETO; LENCASTRE, 2014). Assim, uma vez proferidos certos termos marcados no interior dos dispositivos, são acionadas, automaticamente, séries de procedimentos para encaminhar,

limpar, conformar e excluir, quando necessário, o que foi dito – uma tática de *taylorizar a conversa*ção (Idem)¹⁵.

Assim, os projetos encaminhados para concorrerem ao Prêmio do MEC são preenchidos em formulários que apontam para os critérios de atendimento e indicadores. Para apresentar-se no TEDx, ou mesmo em outros programas, um protocolo de comunicação deve ser rigorosamente seguido em termos de tempo e “graça” para que o público possa reconhecer como interessante, válida e extraordinária a história contada. Apesar de composto por palavras, termos e expressões, esse grupo de narrativas performáticas funciona, no interior dos dispositivos, mais como disparadores de ações e afetos automatizados – maquínicos – do que na condição de significantes. É como se ao dizer “reinventar-se” a atenção e a memória de grande parte do público estariam, prontamente, capturadas.

Para essas tecnologias subjetivantes, as ferramentas da *Web 2.0* constituem verdadeiras máquinas que, conforme a frequência de uso, operam em nós automatismos sobre formas de edições, termos-chave, seqüências de textos, tratamento de sons e imagens. Tais *servidões* passam a fazer parte do nosso *eu* que se mostra, cada vez mais, nas telas brilhantes dos *computadores, tablets e smartphones*.

À Guisa de Conclusão

O *Prêmio Professores do Brasil* reúne elementos que o fazem funcionar como uma *máquina social* (LAZZARATO, 2014). Dentre esses componentes, destaca-se a própria finalidade de reconhecer e premiar somente as experiências pedagógicas consideradas excelentes e passíveis de reprodução em outros contextos. Temos, aí, uma típica prática meritocrática (SENNETT, 2004). A matriz competitiva que o institui estende-se para além dos domínios do Ministério da Educação. Isso somente é possível porque o Prêmio desliza

¹⁵ A discussão da noção de servidão maquínica foi profícua para compreendermos o funcionamento do *Prêmio Professores do Brasil*. Porém, não cabe tal detalhamento neste artigo. Apenas trazemos a título de esclarecimento e provocação.

sobre a tríade *experiência pedagógica-premiação-espetacularização*, anunciada no início deste artigo. Para muitos premiados, a vida profissional passa a ser pautada por esse referencial. Os convites para entrevistas, gravações de vídeos, reportagens sobre o projeto realizado, participação em eventos, solicitam a credencial conferida pelo concurso e ao entrar ou sair dessas “chamadas” o docente deve, de algum modo, marcar o seu título de representante da educação básica pública. Caso contrário, o desgaste do desempenho performático ocorre de forma mais acelerada.

Nesse quadro de análise – desenhado com “tintas” fornecidas por Foucault (2010a; 2010b; 2010c), Sibilia (2008), Lazzarato (2014), Ball (2010; 2013) e outros –, a *arte do exagero das forças e potencialidades do eu* é exercida pelos professores à medida que ingressam nos dispositivos acionados no e a partir do *Prêmio Professores do Brasil*. Discursos, máquinas (técnicas e sociais) e sujeitos passam a interagir como se fossem engrenagem do próprio Prêmio. Aqui, são os saberes da competição e da exibição. Ali, encontram-se as plataformas e ferramentas digitais capturando e divulgando informações; procedimentos pré-definidos de *input* e *output* dos gestos, afetos e expressões tomados como verdadeiros; palavras transformadas em mecanismos que “disparam” reações e sensações culturalmente automatizadas. Acolá, atuam os indivíduos no processamento de experiências pedagógicas; na fabricação de imagens e palavras intensificadas de si mesmos; no convencimento e condução dos outros acerca da excelência. Para usarmos uma expressão de Lazzarato (2014), esses são docentes de um processo de “muita subjetivação”.

Inferimos, a partir desse exame, que estamos diante de uma *subjetividade docente superlativa*, constructo da experiência de reconhecimento social conduzida pela espetacularização da carreira. Enfim, o sujeito premiado passa a executar sobre seu *eu alterdirigido* práticas de ascense que envolvem escrita, confissão, visualização e, sobretudo, rituais e protocolos de automação de si e de sua prática docente.

Referências

- ALBUQUERQUE, Gina. V. P. de. *Transferência Social e Igualdade de Gênero: o poder da educação* Gina Vieira TEDxUniversidadeBrasília, 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=TsJKYbpSiCY>>. Acesso em: 19 mai. 2015.
- BALL, Stephen. J. Performatividades e Fabricações na Economia Educacional: rumo a uma sociedade performativa. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, v. 35, n.º. 2, p. 37-55, mai/ago. 2010.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2001.
- BAUMAN, Zygmunt. Entrevista sobre la Educación Desafios Pedagógicos y Modernidad Líquida. Por la Prof. Alva Porcheddu Traducción: Mariana Nobile. *Propuesta Educativa*. Argentina, n.º 28 FLACSO, p. 1-13. 2007. Disponível em: <<http://pt.calameo.com/read/0007391633513378165ec>>. Acessado em: 02 de ago. de 2013.
- BRASIL. *7º Prêmio Professores do Brasil - Flash 01* [vídeo], 2013a. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=B5_l69NpxTI>. Acesso em: 19 mai. 2015.
- BRASIL. *Regulamento do Prêmio Professores do Brasil - 7ª Edição*, 2013b.
- BRASIL. *Catálogo Prêmio Professores do Brasil*, 2014a. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=20966:8o-premio-professores-do-brasil&catid=195&Itemid=164>. Acesso em: 22 de mai. 2015.
- BRASIL. *Regulamento do Prêmio Professores do Brasil - 8ª Edição*, 2014b.
- BRASIL. *Vídeo de Premiação 8º Edição* [vídeo], 2014c. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=NknZfF0WH5M>> Acesso em: 19 mai. 2015.
- COSTA, Marisa V. *Trabalho Docente e Profissionalismo: uma análise sobre gênero, classe e profissionalismo no trabalho de professoras e professores de classes populares*. Porto Alegre: Sulina, 1995.

- DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Trad. Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- ENGUITA, Mariano. F. A Ambiguidade da Docência: entre o profissionalismo e a proletarização. *Teoria & Educação*. Porto Alegre: Pannonica Editora, nº 4, p. 41-61, 1991.
- FARHI NETO, Leon. Disciplina ou Espetáculo? Uma resposta pela biopolítica. *Revista Aulas*. nº 3, p. 01-23, dez. 2006/ mar. 2007.
- FONSECA, Márcio A. da. MUCHAIL, Salma T. Nota da Tradução Brasileira. In.: FOUCAULT, Michel. *A Hermenêutica do Sujeito*. Curso no *Collège de France*: 1981-1982. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.
- FOUCAULT, Michel. *Tecnologías del Yo: y otros textos afines*. Barcelona: Paidós Ibérica, 1990.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 2005. 30. ed.
- FOUCAULT, Michel. *Seguridad, Territorio, Población. Curso em el Collège de France*: 1977-1978. Buenos Aires: Fondo de Cultura Econômica, 2006.
- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade III: o cuidado de si*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2007a. 9. ed.
- FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*: aula inaugural no *Collège de France*, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Loyola, 2007b. 15. ed.
- FOUCAULT, Michel. *Nacimiento de la Biopolítica. Curso em el Collège de France*: 1978-1979. Buenos Aires: Fondo de Cultura Econômica, 2007c.
- FOUCAULT, Michel. *A Hermenêutica do Sujeito*. Curso no *Collège de France*: 1981-1982. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010a.
- FOUCAULT, Michel. *Do Governo dos Vivos*. Curso no *Collège de France*: 1979-1980: excertos. Rio de Janeiro: Achiamé, 2010b.
- FOUCAULT, Michel. O Retorno da Moral. In. FOUCAULT, Michel. *Ética, Sexualidade, Política. Ditos & Escritos V*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010c, p. 252-263.

FUNDAÇÃO VOLKSWAGEN. *Fundação Volkswagen faz parceria com MEC para promover a 7ª edição do “Prêmio Professores do Brasil”*, 2013. Disponível em: <<http://www.noticiasdaoficinavw.com.br/v2/2013/12/fundacao-volkswagen-faz-parceria-com-mec-para-promover-a-7a-edicao-do-premio-professores-do-brasil/>>. Acesso em: 22 mai. 2015.

LAZZARATO, Maurizio. *As Revoluções do Capitalismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LAZZARATO, Maurizio. *Signos, Máquinas, Subjetividades*. São Paulo: Edições SESC/ N-1 Edições, 2014.

MÁRIN-DÍAZ, Dora. L. *Autoajuda, Educação e Práticas de Si: genealogia de uma antropológica*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

MAYER, Ricardo. A Lógica do Respeito: notas críticas em torno do conceito de reconhecimento. *Latitude*. Maceió, v. 2, n.º. 2, p. 34-67, 2008.

MORAIS, Wygneley. *Educadora de Jesópolis recebe prêmio Professores do Brasil 2013*. Prefeitura de Jesópolis, 2013. Disponível em: <<http://jesupolis.go.gov.br/educadora-de-jesupolis-recebe-premio-professores-do-brasil-2013/#>>. Acesso em: 23 mai. 2015.

NÓVOA, António. Para o Estudo Sócio-Histórico da Gênese e Desenvolvimento da Profissão Docente. *Teoria & Educação*. Porto Alegre: Pannonica Editora, n.º 4, p. 109-139, 1991.

ONETO, Paulo D. LENCASTRE, Hortência. Nota 4. In. LAZZARATO, Maurizio. *Signos, Máquinas, Subjetividades*. São Paulo: Edições SESC São Paulo: N-1 Edições, 2014.

PRISCILA. *Comentário Postado [online]*. Professor de escola pública é premiado com projeto sobre diversidade humana - JC Jornal do Commercio. *Jornal do Commercio*, 2014. Disponível em: <<http://jconline.ne10.uol.com.br/canal/suplementos/jc-mais/noticia/2014/11/30/professor-de-escola-publica-e-premiado-com-projeto-sobre-diversidade-humana-158425.php>>. Acesso em: 22 mai. 2015.

RAMOS DO Ó, Jorge. *O Governo de Si Mesmo – Modernidade Pedagógica e Encenações Disciplinares do Aluno Liceal (último quartel do século XIX – meados do século XX)*. Lisboa: Educa, 2003.

SIBILIA, Paula. *O Show do Eu: a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SILVA, Marcelino Campos da. *Comentário Postado [online]* Professor de Pernambuco é o melhor do Brasil no ensino médio, 2014. Disponível em: <<http://jconline.ne10.uol.com.br/canal/cidades/educacao/noticia/2014/12/12/professor-de-pernambuco-e-o-melhor-do-brasil-no-ensino-medio-160310.php>>. Acesso em: 22 mai. 2015.

VARELA, Julia. ALVAREZ-URIA. Fernando. *A Maquinaria Escolar. Teoria & Educação*. Porto Alegre: Pannonica Editora, nº 6, p. 68-96, 1992.

Recebido em 15/01/2018

Aprovado em 27/04/2018